

A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg.
Assinatura

ANNO. 24 francos

SEMESTRAL. 12

AVULSO. 1

Nos resta da Europa 11 francos por trimestre e 20 francos por anno.

2.º Anno. — Volume II. — Numero 13.

PARIS 5 DE JULHO DE 1885

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

CALHA DE SOLICITAÇÃO, 11, do Alvarado.
Assinatura

ANNO. 12.000

SEMESTRAL. 6.000

ANNO. PROVINCIAS. 14.000

AVULSO. 300



PARIS PITTORESCO. — DURANTE O VERÃO

EÇA DE QUEIROZ

Ainda não recebemos o original prometido pelo nosso illustre collaborador, formando o seu estudo sobre a influencia de Hugo na geração de Queiroz. Esperamos comtudo recebê-lo em breve e publicá-lo no proximo numero da ILUSTRACÃO, se a isso se não oppozer algum caso de força maior.



EM BRUXELLAS

A. ED. BRAZÃO.

CONHECEM Bruxellas? Os belgas, em momentos de accesso patriótico, quando um parisiense conta as maravilhas da sua terra, para não ficarem atrás, chamam a Bruxellas « um pequeno Paris. » Para muita gente, os belgas tem razão. Em Bruxellas ha boulevards que são mais largos que o boulevard dos Italianos. Ha casas mais ricas e mais cuidadas que algumas das que se perderam por entre fôfos de verdura e labyrinthos de lilazes, pelos cantos do parc Monceaux. Ha fiacres mais aciados e cocheiros mais polidos, que muitas centenas dos que se cruzam entre a Magdalena e a Bastilha. Bruxellas tem um *Grand-Hôtel*, um *Hôtel Continental*, uma *Maison d'Or*, um *Café Inglez*, um *Hôtel des Ventes*, um *Printemps*, um *Eden*, uma mantaiga que é um paraíso, charutos que seriam capazes de perverter todos os archanhos da corte do céu — e para tudo ter, tem um Bosque que faz negações, de tão longe! ao bosque de Bolonha. E romancistas que querem deixar a perder de vista Zola e Daudet. E jornaes que querem metter a um canto o *Figaro*. — E tendo tudo isto, não tem nada que se pareça com Paris! E eu preferia que Bruxellas conservasse e respeitasse a sua tradição de cidade flamenga, como Anvers, como Amsterdam — a vê-la uma simples cidade de cartão, quando quer ser apenas parisiense, uma pretensão arrebitada de Paris, como certos burguezes, n'uma sala de dez metros, querendo construir um palco para fazer concorrência á *Comédie* ou á *Grande-Opera*...

Bruxellas, querendo fazer pirraças a Paris, é horrorosa. Equivale a uma janota de Pedrouços, a uma Flor-de-Pschutt da Granja, querendo rivalisar em elegancia, em graça, em espirito, com uma nadadora de Trouville, ou de Dieppe, ou de Ostende. Theodore de Banville disse um dia que havia « mulheres e parisienses. » Ora o poeta tem quasi sempre razão...

E comtudo Bruxellas é uma cidade adoravel. Um homem de dinheiro e de gosto pode passar uma vida tranquilla, uma vida de saúde e de felicidade — a cinco horas de Paris, para todos os mezes vir assistir á um espectáculo na moda, a uma *première* famosa, a uma famosa creação de Sarah ou de Coquelin. O estrangeiro que habita Bruxellas, é vinte vezes mais feliz que o francez que habita Bordéus ou Marselha. Ir de Paris a Bordéus equivale a uma viagem para além da fronteira, malta a despachar, e adeuses choramingados á partida do comboyo. Ir a Bruxellas equivale a um passeio a Bougival ou a Marly, a ir jantar a Sèvres ou a Saint-Germain.

Ao homem que pela civilisação mais affastado se ache do gorilha seu avô, que é necessario

que possua para que se não aborreça? Independentemente do amor, esse homem exige uma boa casa, uma boa mesa, bons licôres, bom tabaco, bons cavallos, uma bella paisagem, um clima salutar, um sol alegre, e varias obras primas — e tudo isto, por preços modicos. Bruxellas é a terra que melhor satisfaz todos estes appetites! Peçam a Bruxellas tudo quanto quizerem — e Bruxellas tudo lhes dará... Mas, por Deus! não lhe peçam que seja Paris!

Então, se lhe pedem isso, tudo se transtorna. O *Hôtel Continental* será um horror; o Bosque, uma cousa insupportavel, sem o pavilhão chinês, sem a cascata, sem os lagos, sem Long-champs ao fundo, as tribunas formando amphitheatre; e o *Eden* um barracão que anda por varrer ha oito dias.

Devemos unicamente acceitar Bruxellas como ella é, e não como ella quer ser...

Como ella é, é um pedaço delicioso da Europa. Ninguém calculará, ao olhar para uma carta geographica, como sobre aquelle pontinho negro que indica a cidade, uma multidão possa viver uma vida tão feliz.

O que mais surprehende nas cidades do Norte, é a elegancia das casas e o acceio que todas ellas respiram. Apenas esteja publicado o volume — *Na Hollanda* — do meu querido amigo e mestre Ramalho Ortigão, recomendo-lhes o capitulo onde elle descreve as casas e a limpeza das casas em Amsterdam. Em paginas que são verdadeiras obras primas, é curioso assistir ao espanto do homem do Sul, ao encontrar diante de si o verdadeiro Acceio! Porque em muitas cidades do Meio-Dia da França, da Hespanha de Portugal e em todas da Italia, não direi que o acceio seja positivamente uma palavra vã — mas apesar de todos os esforços empregados, está ainda muito longo de ser o que o verdadeiro Acceio é!

Em Bruxellas são em numero limitado as casas com andares para alugar. Cada individuo que possui um rendimento mediano, aluga uma casa inteira com *rez-de-chaussée*, primeiro e segundo andar. As construcções d'uma elegancia e d'um bom gosto antigo, são differentissimas. Dir-se-hia que o Burgo-mestre de Bruxellas condemna a pena ultima, mandando enforca-las nas torres do seu palacio, todo o architecto que tiver a ousadia de construir duas casas semelhantes na mesma rua.

Se uma casa é acceiada, basta olhar para as janellas. As janellas das casas de Bruxellas, como das casas de Amsterdam, são largas e apenas formadas, ou de dois grandes vidros, ou d'um só, correndo para acima quando se abre. Já assistiram ao escrupuloso trabalho do criado d'um photographe limpando as placas que hão de receber o collodio? É o mesmo para as criadas de Bruxellas, todas as manhãs. E quando se passa na rua, á altura do *rez-de-chaussée*, nada de mais agradável do que olhar através d'aquelle immenso crystal immaculado, para o interior elegante e confortavel onde ha meias cortinas de rendas cruas e de seda cõr de palha, cortinados de velludo, e ao centro da janella, em tripés de bambu e laca, ou em columnas de marmore preto, um pote do Japão, um vaso de Sèvres, ou uma jardineira de bronze *cloisonné*, donde sae fresca, esvelta, graciosa, querendo trepar por entre as rendas e a seda, uma bella e preciosa planta exotica...

Nos paizes do Sul o garoto, na escala social, tem por fim, entre outras patifarias ao cidadão e á vigilância da policia — riscar as portas mais ricas; o *devant* luxuoso das lojas de modas e de joias; os vidros de todas as montras; rasgar os cartazes dos theatros; e desenhare e escrever indecencias sobre os muros brancos. O fim social do garoto do Norte, francamente, não sei qual é! Mas o que sei é que os seus habitos são bem differentes. Na maior parte das casas de Bruxel-

las, as portas da rua são envernizadas de branco, com aldrabas de metal amarello ou de bronze... Ora uma porta assim, tão branquinha, tão escrupulosa, para um garoto de Lisboa seria uma provocação! E mesmo algum estroina da Baixa não resistiria ao prazer e á gracinha de fazer da porta carta-postal, e mandar o proprietario da dita a algum sitio irrespeituoso...

O museu de Bruxellas, n'estes ultimos dois annos, tem feito preciosas aquisições de quadros flamengos. Alguns retratos de Van Dick e de Rubens e de Franz Hals, e alguns quadinhos de Teniers e de Van Ostade formam o importante da collecção. Abriam-se mesmo, por este motivo, duas novas salas.

A proporção que um grande sentimento e uma mais larga comprehensão da natureza se vae espalhando pelos povos civilisados, em Arte, o quadro da famosa escola hollandesa vae adquirindo preciosos fôros de extraordinaria obra-prima. As grandes telas de sensação, tendo apenas um fim exterior de representação ou de decoração, vão perdendo pouco a pouco de importancia, mesmo quando ellas são assignadas por nomes illustres. É assim que vemos diminuir de dia para dia toda a fama da obra dos *classicos* e dos *romanticos*, porque na maior parte das suas telas a *importancia interior* de que falla Schopenhauer e que é tudo em materia d'arte, é sacrificada á *importancia exterior* que só interessa á historia. E o individuo moderno chegou finalmente á comprehensão de que uma simples tela de scena campestre, pode valer muito mais que uma grande tela tratando um assumpto historico ou religioso.

Os novos quadros de Teniers e de Van Ostade que ha dias vi no museu de Bruxellas, causaram-me a mesma agradável surpresa que os primeiros dos mesmos artistas que vi em Madrid, em Paris e em Amsterdam. De Teniers, só sempre as mesmas scenas rusticas, em pleno campo, n'uma paysagem de verdura doce e dourada. Uma casa baixa, os telhados cobertos de feno; á porta, uma pipa, sobre a qual um gato pouca, ericado e bisonho. Em volta d'uma meza, camponezes atarracados, de carões vermelhos, canecas em punho, bebem cerveja; de encontro a um muro um homem de costas, curvado, a fazer alguma cousa no momento critico e na necessidade urgente do bebedor de cerveja; d'uma janella aberta, uma cura rosada, risonha, de hollandesa, contempla a scena; e desapparece ao fundo um par, amando-se, beijando-se, sob a protecção alegre do azul... — Se não é scena de campo o que o quadro representa, é scena de interior, uma vida tranquilla e feliz, como tranquilla e feliz é a paisagem do Norte, macia, velludosa, poetica, bandos de vaccas pastando serenamente ao longe, e no horizonte a carcassa melancolica d'um moinho, e no arum traço de fumo, d'alguma casa perdida entre verduras e murmúrios de regatos... — Ou então, a scena da taverna: em volta da meza sujeitos jogando as cartas; por toda a parte canecas de cerverja; n'algum canto, de encontro á parede, o inevitavel sujeito de costas, meio curvado por uma necessidade urgente; e quasi sempre desordens de jogo, um mau jogador, um velhaco, levando ou um pontapé, ou com uma caneca na cabeça. E no meio da escaramuça, um gato que foge espavorido, e um cão que ladra as pernas dos desordeiros...

Entre as novas aquisições de quadros de Van Ostade, ha um quadro representando os *Sentidos*, assumpto que este pintor tratou de varios modos, e que muitos pintores hollandezes tambem trataram. A tela a que me refiro representa um final de banquete, a hora da sobre-meza, á hora em que, na opinião dos *Concours*, melhor se falla da immortalidade da alma! Uns saboreiam os ultimos licôres, outros olham-lhes a cõr em frente da luz. Ha damas que aspiram o perfume das flores; ha rapazes

Sil e S. Paulo, ponde Luiz Couty devidamente encarar as duas mais graves questões do Brazil — escravidão e imigração. Colhendo preciosos dados, já estatísticos, já de simples informações, não raro tanto mais verdadeiras e significativas quanto a origem era humilde, pois buscava sempre e de preferência interrogar homens do sertão e escravos, descreveu o jovem sabio a situação do paiz com toda a justiça e imparcialidade; feriu os pontos delicados; mostrou as exagerações quer d'aquelles que exigem progressos repentinos, quer dos emperrados e teimosos; fez justiça a quem a merecia, ora dando razão ao fazendeiro, ora censurando-o; collocou-se acima das paixões do momento; sustentou sem temor nem acrimonia polemicas; propoz soluções e systemas de transformação, e tudo isso com uma facilidade, uma rapidez de comprehensão, combinações e execução positivamente estupenda e que enchia de crescente admiração quanto mais da parte lhe acompanhavam as vistas e planos de futuro.

Entre esses, salientavam-se dois ênorgicos batalhadores, na grande scena da vida, Goffredo Taunay e Silva Telles, espiritos preparados para receberem as lições e conselhos de Luiz Couty, que por seu turno ponde applaudir com orgulho uma notavel invenção dos jovens engenheiros brasileiros, ainda hoje mal apreciada, mas que um dia será aproveitada como importantissimo ameilhar e propulsor do trabalho livre e nacional.

Era de vêr-se a união íntima, toda repassada de joços scientificos, em palestras interminaveis, d'aquelles trez amigos, trez luctadores indefessos... E o chefe, cedo, bem cedo devia cahir para sempre!

Allás no meio das incessantes preoccupações do irrequieto espirito, na vertiginosa febre que o impulsionava cegamente para exaggerados esforços intellectuaes, em sua superioridade de homem que sabia quanto já velia, era o trato de Luiz Couty quanto possível ameno, cordial, meigo, a lhe angustiar por toda a parte promptus sympathias e sinceras affeições.



DR. LUIZ COUTY

Em serviço do Brazil e no desempenho de uma commissão, voltou elle uma vez à Europa e, em Paris, teve occasião de defender o Imperio americano de accusações, tanto mais graves e dolorosas, quanto eram feitas por pessoa digna de todo o respeito pela lealdade das suas convicções, o senador Schœlcher. O ardor, a fé, a espontaneidade, a par da proficiência, com que Couty sem de-

mora acudio em prol do Brazil, mostrão bem que pelo coração, já se sentia ligado a uma patria nova, quasi tão estremecida quanto aquella em que nasceram.

E, na verdade, nada excedia os arreboas e eloquentes enthusiasmos com que, nos momentos de expansão e prognosticos de grandioso futuro, fallava d'esta terra e do porvir que a espere, uma vez desprendida das pês que lhe constriangem o incremento e adoptadas as medidas largas e generosas que a nossa evolução social já vai acolhando, embora com lentidão impacientante para quem quer marchar um tanto mais depressa.

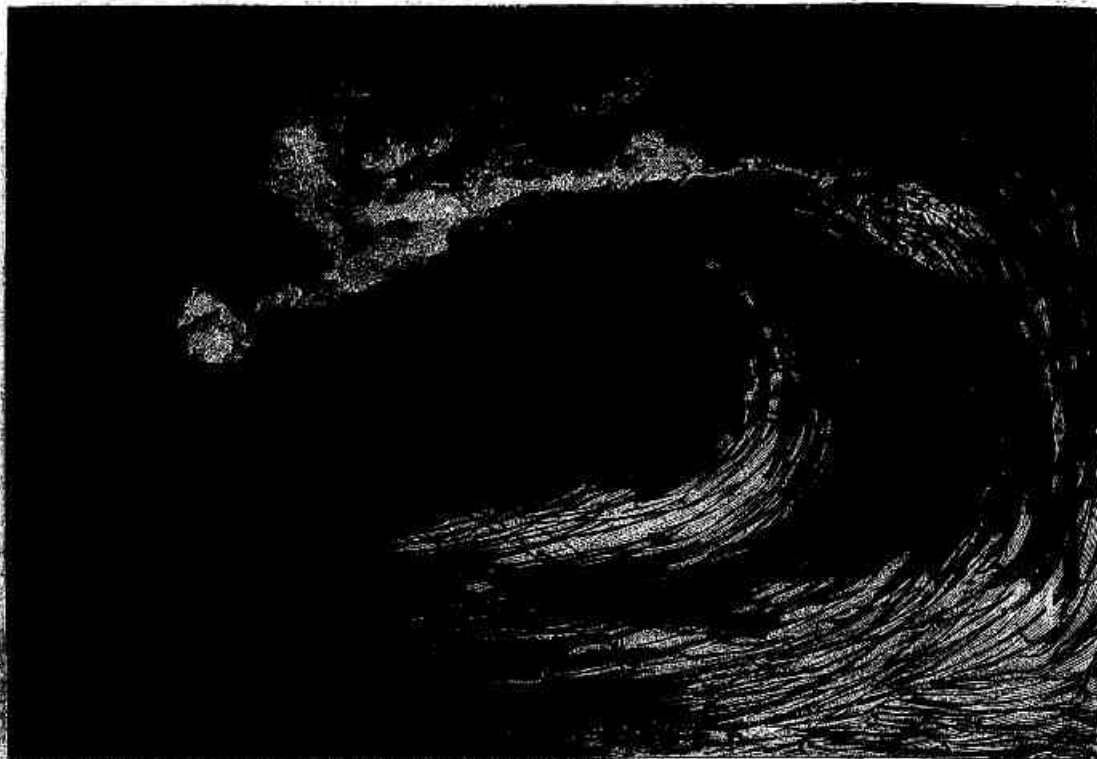
Na sustentação d'aquellas idéas, na propaganda de principios justos, sensatos, quasi intuitivos, muitos esforços consumio Couty.

É que não basta proclamar verdades para fazel-as acollar dos homens. Levantam-se logo innumeras resistencias; de todos os lados surgem tropeços, enturraes alguns, outros absolutamente inesperados, todos porém, capazes de gestar os organismos mais valentes a mais adequados a violentos embates.

Como já dissemos, no problema vital para os destinos do Brazil — a transformação do trabalho — concentrara elle toda a attenção; d'aqui, essa esplendida serie de artigos que posteriormente reunio n'um volume — *Le Brésilien 1884* — livro cheio de apreciações genicas, observações agudasissimas, conselhos amadurecidos, livro impressionista quanto possível, mas de alcance legitimamente scientifico; e tudo n'um estylo limpo, incisivo e, com despreoccupação absoluta da forma, o que, de certo lhe inculca mais um encanto e trez curiósas

sorprezas ao leitor, preso áquellas paginas palpitantes de vida e de interesse, escriptas dia por dia e para assim dizer sobre a perna.

Tudo isto, porém, não se prega impunemente. Luiz Couty teve dolorosa experiencia; mas não era dos que com facilidade se dobram e desanimam. De encontro a grandes obices, centuplicadas as forças, não desam-



O MEU DESTINO. Desenho original de Victor Hugo



VICTOR HUGO E A SUA OBRA

pava, em quanto os não destroçava. Assim na organização de uma sociedade commanditaria para coarctar o *Messenger du Brésil*, e fundar a *Revue de France et du Brésil*, que deviam dar o devido elastico á propugnação de todas as theses úteis ao desenvolvimento da immigration e da gradual extincção do elemento escravo, como instrumento deficiente e nocivo de trabalho.

Em fim do julho d'aquelle anno de 1884, viu quasi plenamente realisados os seus desejos; mas já então uma coisa de vez em quando o inquietava: a debilidade physica, quasi insupportavel, o cansaço, a exigencia do corpo ao repouso, a lha empoceram o uso completo da verdigosa actividade intellectual que lha não dava, contudo, tregoa.

Era a natureza que reagia contra o trabalho exagerado e instantes avisos dava ao espirito soffrido de caminhar, caminhar sempre para diante mais rapidamente possível.

No seu rosto expressivo, em que outrora se estampavam as vivas côres da saúde e da mocidade, já se liam os signaes de fundo alquebramento e os premonitores de grandes devastações internas.

Mas nem por isso, julgava Couty dever tomar por conta propria algum descanso. Calculava tê-lo a bordo na viagem transatlantica que pretendia fazer para a Europa, em meados do mez de novembro, afim de apresentar a familia a bella e idônea esposa, que unira á sua sorte em fim do anno de 1883.

Basta dizer que, affectado de uma pneumonia, quasi diariamente descia da Tájica, onde estavam nos ultimos termos residindo, para vir á typographia do *Messenger du Brésil*, escrever artigos e corrigir provas!

Tambem, quando cahiu prostrado no leito, não houve sciencia de medicos, não houve angustias e dedicacão de esposa e amigos, que o salvassem, e ás dez horas e quatroenta e cinco minutos da noite, de 25 de novembro de 1884, depois de breve agonia soltou o derradeiro alento.

As suas ultimas palavras foram: *Allons, c'est bien fini!* proferidas com a convicção e serenidade do medico que leva sentença fatal e irrevogavel e se inclina diante de mais uma victoria da morte!

E de facto, nos ultimos instantes de vida ainda preservava medicamentos para si e com os dedos hirtos e frios procurava no extinto pulso ir seguindo na progressão da destruição, n'aquelle organismo que tanto se agiava e tanto resistia.

E não tinha senão trinta annos e nove mezes de idade!...

III

Eis em pequeno e desalinhado resumo, a existencia de Luiz Couty.

Do mesmo modo, porém, que o nosso espirito só apparece prompto os resultados e estragos de sangrentas batalhas ou de demorados sidos, vindo em synthetico quadro estatístico o numero de mortos e feridos ou de projectis arremessados contra a praça investida, agora passamos a leitor, deixando os olhos correr pela estupenda relação de trabalhos scientificos e sociais, que, além de innumerables artigos na imprensa diaria, decorrem da penina de tão extraordinário ente, assignalados todos ellas com o cunho de uma intelligência excepcional devotada exclusivamente á indagação da verdade e aos grandiosos problemas, que de todo o sempre tem impressionado os homens mais salientes na historia da humanidade.

Publicações de Luiz Couty:

1.^a — Na sociedade de biologia

1876. — Estudos experimentaes sobre a entrada do ar nas veias. — A acção dos anæsthesicos no elemento peripherico nervoso. — A acção da paraffa encephalica nas funções circulatorias. — Relações do encephalo com o systema sympathico. — Myelite aguda das côrneas anteriores. — Purpura hemorrhagica. — Perturbações vaso-motoras e thermicas, por compressão da medulla. — Papel trophico das radiculas posteriores medulares. — Temperatura das partes periphericas, nas moléstias febris.
1877. — Asphyxia por lesão do systema sympathico. — Acção de bolhas gaseosas do sangue na circulação capillar. — Tumor do pedunculo esquelico do cerebro. — Hemianesthesia mesencephalica. — A influencia da excitação dos sentidos no coração e nos vasos. — Modificações cardio-vasculares, produzidas pelas excitações sensoriaes e emocionaes. (Estes dois trabalhos em-commum com o sabio Charpentier, sendo o ultimo publicado pela Academia das sciencias de Paris.)

1878. — Acção physiologica do matte.

1880. — Observações sobre a pretendida zona motriz do

cerebro. — Excitabilidade mecanica do envolturo do crânio. — Curanção progressiva; effeitos da excitação muscular pela acção do curare.

1881. — Perturbações motores por lesão, no cerebro do macaco e do cão. — Perturbações sensitivas e intellectuaes, dependentes de lesões experimentaes no cerebro de cão e do macaco. — Effeitos das lesões e excitações corticas do cerebro. — Acção do veneno das cobras.
1882. — Caracteres comuns do veneno das cobras e sapos. — Zona motriz do cerebro dos papageios.
1883. — Acção dos nictalos na excitabilidade do cerebro. — Estado do pneumogastrio denominulo esgotamento. — Primeiro periodo do strychnisacão. — Influencia do fofo prolongado (com o doutor Guimarães). — Influencia do café na nutrição (com o Dr. Guimarães). — Acção do café na composição do sangue.
1884. — Algumas funções medulares no cão.

2.^a — Na academia das sciencias.

1876. — Investigações sobre a temperatura nas febres. — Investigações sobre a acção physiologica do matte.
1879. — A não excitabilidade do envolturo parvo do cerebro. — A acção do veneno do Bothrops jararã, casu (com o Dr. Lacerda). Um curare novo, extrahido da planta strychnosipilinesia. — A origem das propriedades toxicas do curare dos indios. — Comparação da acção de diversos curares nos musculos lisos e estriados (com o Dr. Lacerda). — Caso n'um musculo liso.
1880. — Algumas das condições de excitabilidade cortical do cerebro. — Formas e sede dos movimentos produzidos pela excitação cortical do cerebro. — A difficuldade de absorção e effeitos locais do veneno da Bothrops (com o Dr. Lacerda). — As reacções da zona chamada motriz nos animaes paralyzados pelo curare.
1881. — A natureza inflammatoria das lesões causadas pelo veneno da Bothrops. — A natureza das perturbações produzidas pelas lesões corticas do cerebro. — Mecanismo das perturbações provenientes das lesões corticas. — Acção do matte nos gazes do sangue (com o Dr. Arsonval). — Mecanismo das perturbações motoras devidas de excitações ou lesões das circumvolucões cerebraes.
1882. — Analogia dos effeitos das lesões centenas e corticas do cerebro. — Acção do permanganato de potassio contra os accidentes do veneno de jararaca. — Acção convulsivante do curare. — Analogia e differenças do curare e da strychnina, em relação á acção physiologica.
1883. — Origem medular das paralyas consecutivas a lesões cerebraes. — Bilateralidade dos movimentos de origem cerebral em varias especies. — O cruzamento dos movimentos de origem cerebral. — Estado dos nervos sensitivos na intimação curativa. — Excitabilidade da superficie e partes fundas do cerebro.
1884. — Distribuição physiologica de duas classes de movimentos. — O mecanismo medular das paralyas de origem cerebral. — A acção do café na composição do sangue e as trocas de nutrição (com Guimarães e Nlobey).

3.^a — Nos ARCHIVOS DE PHYSIOLOGIA.

1876. — Estudo sobre a influencia do encephalo nos musculos da vida organica e especialmente nos órgãos cardio-vasculares.
1877. — Pesquisas experimentaes sobre os gazes livres intra-astorales. — Investigações sobre os effeitos cardio-vasculares das excitações dos sentidos.
1879. — Seis experiencias de excitação do envolturo parvo do cerebro nos macacos.
1880. — Indagações sobre a temperatura peripherica e as condições de variabilidade. — Curare, sua origem, acção, natureza, emprego (com o doutor Lacerda).
1881. — As lesões do cerebro.
1883. — O cerebro motor.
1884. — Ainda o cerebro motor.

4.^a — Na GAZETA DE MEDICINA E CIRURGIA.

1870. — Purpura de origem nervosa.
1877. — Um caso de tumor que destruiu o pedunculo cerebelloso inferior. — A hemianesthesia mesencephalica.
1878. — Perturbações sensitivas de origem mesencephalica.

5.^a — Na REVISTA SCIENTIFICA.

1881. — A criação do gado na America do Sul. — Um alimento novo — o matte. — O consumo da carne e conservas.
1882. — O café.
1883. — O curare.

6.^a — LIVROS, BROCHURAS, PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS.

These de doutoramento. — Investigações experimentaes acerca da entrada do ar nas veias. (1875. — Paris. — G. Masson.)

These do concurso na Faculdade de Medicina. — Terminação dos nervos na pelle. (1878. — Paris. — G. Masson.)

Relatorio sobre uma primeira excursão á zona cafeeira de S. Paulo. (Rio de Janeiro. — 1879.)

Os estudos experimentaes no Brasil. (Revista brasileira — 1879.)

O matte e as carnes conservadas. (Rio de Janeiro. — 1880. — 32x pag.)

Lição inaugural do curso de biologia. (Rio. — 1880.

A machina de seccar café, systema Tannay-Telles. — 1881. — Rio.)

A escravidão do Brasil. (Paris. — 1881.)

A propaganda na Europa do café e carne secca (com os Drs. Tannay e Telles. — 1882. — Rio de Janeiro.)

Biologia industrial. — O café. (Rio. — 1883. — 176 pag.)

A febre amarela. — Estudo de hygiene social. (Rio. — 1883.)

O Brasil em 1884. (Rio. — 1884. — 416 pag.)

O café, sua cultura, preparo, permutas e nos. (Rio. — 1884.)

Ao todo, sem contar os innumerables artigos diarios, 80 trabalhos scientificos, muitos dos quaes excitaram a admiração de homens do valor de Brown-Jaquez, Vulpian, Charpentier e d'Arsonval, estes dois ultimos seus amigos e companheiros, que já tomaram o honroso compromisso de publicar em volumes a parte mais importante de toda a obra de Luiz Couty.

Era aliás a grande ambição do illustre experimentalista encerrar e concretizar todas as suas observações e pesquisas num livro sobre o cerebro e o systema nervoso, essa chave do organismo physico, humano e consequentemente social.

Do plano geral dêra já Couty idéa, a 14 de março de 1884, ao seu amigo Charpentier nos seguintes termos:

« Para mim, está tudo prompto. Primeiro facto — 500 paginas da minha escripta, que dão 800 de impressas. Eis o que faço. Após uma lição devulgarisada, que constitua o primeiro capitulo, entro no assumpto pelo estudo dos movimentos suppostos cerebraes e nos tres capitulos posteriores, mostro que elles se produzem, bem como suas perturbações, por meio do bulbo e da medulla. »

E depois de indicar a natureza das sensações conscientes e inconscientes, analysa as funções psychicas, que estuda methodica e progressivamente.

« Percepções e idéas. Sede cerebral. Formas conscientes, dependendo da associação do nasocapitulo. — Natureza emocional e em seguida social da idéa e a este respeito, a linguagem. — Formação da idéa.

(A) — A hereditariiedade, o instincto.

(B) — A educação pessoal ou adquirida. Os factores physico-químicos (forma). — Os factores biologicos (somn). — Os factores sociologicos (lavoura). — Desenvolvimento cerebral. — Resultantes a personalidade, sua constituição e papel. — Variações da personalidade; alcoolismo, hysteresia, paizies. — O modo de proceder; escolhas dos motivos ideativos ou sensitivos; liberdade.

(C) — Associação das personalidades: sociologia.

« O plano é vasto, dizia Couty com sobranceira, mas



O «GRAND-PRIX» DE PAZ No recinto da pesagem

indispensável é comprehendê-lo assim, para subtrahir dos pontos de vista restrictos, horizontes acanhados, concepções mal definidas, emfim a bulburúlia em que giram hoje todas essas questões.

« Tentarei mostrar, de encontro a Darwin, Spencer, Bain e tantos outros, que as leis biológicas não explicam os factos psychicos e sociais. A selecção natural oppoñe a individualisação, o conteúdo da especie, e mostra-nos que a selecção sexual desapparece ante as mil formas da associação, mal se desenvolvem um tanto as funções do cerebro.

« Acima dos factos psychicos e biologicos, admiro terçim classe de factos, misteriosos — está entendido — os *psychiques*, que coincidem com a acção associada de diversos órgãos, ou partes de órgãos nervosos eutrazes; e aos outros orgãos biologicos hereditarios oppoñho o systema cerebral, cujas funções dependem da educação. »

Muitos planos de elucidação scientifica ficaram assim inconclusos, ou simplesmente esboçados. De subito, se acendeu nas arvores da morte o olhar que investigava já longe e ia descobrindo rêsuras de luz para si e para quantos, chegados mais tarde, se affirmam ardentes ás grandes conquistas da verdade.

Não importa!

O progresso é filio primogenito da lucta.

Se no assalto da temerosa cidadella, cahiu quem tomava o primeiro degredo da escada, subam outros; e mais tarde, os felizes, os coroados dos louros da victoria, saibam erguer um hymno de amor e gratidão áquelles que decem de barato a vida com todas as suas commodidades egoisticas, e na encarnicada pugna succumbem a bem de todos e para honra da humanidade.

N'esse dia, o nome de Luiz Couty de certo não será esquecido, lamentando a sciência, no contemplar frio e sereno das cousas, que com elle se houvesse realisado a melancolica sentença de Pindaro.

ESCRANHQUE TAUNAY.

EXPOSIÇÃO D'ANVERS

Esperamos publicar n'um dos proximos numeros curiosas gravuras representando a exposição portueza e a exposição brasileira na grande exposição universal de Anvers. O nosso director Mariano Pina foi expressamente a Anvers para este fim, onde fez uma escolha de interessantes photographias para o nosso jornal.



DURANTE O VERÃO

PARIS no verão parece uma cidade africana. A partir do mez de julho o calor é horreros; nos dias amenos o thermometro marca 28 a 30 graus. Depois sobe até 40 a 45 graus. N'estes dias é quasi impossivel sair para a rua, circular. O calor soffoca-nos, um calor pesado, parado, onde não ha a menor viração. A propria sombra ao longo dos boulevards é insuportavel, e de pouco servem os dois renaques d'arvores frondosas que bordam os passeios.

É por isso que n'estes dias a physiognomia de Paris é curiosa, merecendo mesmo que a reproduzamos na gravura que apparece na nossa primeira pagina. É o assalto d'um vendedor de *côco*, o que representa o desenho do nosso collaborador Huenen. O vendedor de *côco* é o sujeito que faz a sua appareição quando surge o calor, para vender aos pobres parisienses uma bebida que não é bem um nectar

de cheir Tortoni, mas que é sufficientemente agradável para as boças magras.

O *côco* tem variantes. N'uns vendedores é pura laranja; n'outros pura limonada; n'outros é uma mistura com alcaçuz. O precioso liquido está dentro d'um barel todo envolvido de hermas e em cima grandes pedagos de gelo. Uma tabuleta indica o custo de cada bebida refrigerante. 5 centimos! É a scena é animada com duas bandeiras tricolores.

Apenas o vendedor de *côco* surge — e elle surge geralmente com o *Grand-prix* — o Paris que tem dinheiro sac da cidade, fugindo ao calor. Não se trata somente d'uma questão de luxo; a população rica vai mais cedo para o campo pois que Paris, sendo uma terra preparada para o inverno, é insuportavel quando chegam os grandes calores de julho e agosto, ficando quasi vazia a cidade, n'estes dois mezes.

Na nossa gravura ainda se vê representado uma fonte Wallace, pela parte de traz do vendedor de *côco*. A agua em Paris, como sabem, é detestavel. Em todas as casas ha filtros e em muitas casas adopta-se o systema de apenas beber agua fervida. Ora as fontes Wallace são de agua filtrada, a unica que se pode beber nas ruas. Mas quando se tem sede o que o parisiense bebe é cerveja — e o consumo annual da cerveja em Paris é assombroso.

UM DESENHO DE VICTOR HUGO.

VICTOR Hugo desenhava, desenhava muito, e não desenhava mal. Theophile Gautier, o seu grande discipulo e o seu grande admirador, colleccionou mesmo varios desenhos do Mestre, que foram reproduzidos em magnificas aguas-fortes, prefaciadas pelo prodigioso artista de *Mademoiselle de Maupin*. O desenho de Victor Hugo que hoje offerecemos aos nossos leitores faz parte d'uma famosa colleção romantica, propriedade de M. Adolphe Jullien, que nos cedeu amavelmente a authorização de publicar uma tão rara gravura no nosso jornal.

No seus desenhos, Victor Hugo conservou o mesmo caracter phantastico dos seus dramas, e n'este que hoje publicamos — O meu destino — facilmente se advinha o espirito do artista que escreveu *Hernani* e *Ruy-Blas*. Esta immensa onda tumultuosa, que rola sobre a areia e que está prestes a desfazer-se, representa maravilhosamente a vida agitada do maior poeta d'este seculo.

VICTOR HUGO E A SUA OBRA

ESTA magnifica composição que nós nos vimos forçados a reduzir ás simples proporções d'uma pagina do nosso jornal, e que no seu tamanho natural occuparia nada menos de oito paginas — é a que damos sob este titulo, devida ao lapis de M. Andrioli, um distinctissimo artista. Todos quantos leram a obra de Victor Hugo facilmente reconhecerão n'esta pagina a alluvia dos poderosos typos desenhados pela penna do illustre poeta. Entre outros não é difficil reconhecer os personagens do *Noventa e tres*, da *Notre Dame de Paris*, Francisco I o Triboulet; e ao fundo a cathedra da *Notre-Dame* que a obra de Hugo tornou duas vezes immortal. E no meio d'esta multidão de phantasmas, o poeta sentado na sua cadeira, exaustão e fatigado, envolvido na bandeira tricolor onde se lê *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*.

A pagina que hoje publicamos é realmente impregnada d'um grande sentimento e d'uma boa e largo inspiração, e sentimos deversas não a podermos dar em toda a sua grandezza, se a isso se não oppoñessem as exigencias da nossa revista que se vê forçada a olhar para outros muitos assumptos.

O « GRAND-PRIX » DE PARIS

O « GRAND-PRIX » do *Grand-Prix* de Paris ficou este anno celebre por que foi vencedor um cavallo inglez *Paradox*, e porque *Paradox* deu lugar a varias scenas de pugilato.

Ha dois annos que os cavallos francezes ganhavam o grande premio de 100.000 francos da cidade de Paris, isto com geral desespero dos ingleses que tem quasi sempre sabido victoriosos em concursos *hypiens* em Paris. Ha dois annos que os ingleses iam para *Longchamps*, para o campo das corridas, carregados de garrafas de *Chumpanys* para abrir e de bandeiras britannicas para desenvolver em signal de victoria.

Sómente este anno é que lhes chegou a vez. E quando *Paradox* chegou primeiro á pista, estallaram milhares de garrafas e foram agitados dezzenas de bandeiras inglesas. Dir-se-ia que a Inglaterra tinha alcançado uma victoria decisiva sobre a França.

Ora os francezes que são essencialmente patriotas, acharam o *Chumpanys*, as bandeiras e o enthusiasmo em extremo exaggerados e como que provocadores. E um grupo mais exaltado, inepto para um *meil-coach*, arrancam a bandeira ingleza e correm a socorro os subditos da rainha Victoria. D'aqui resulta lucta e jaça encarnicada. A policia interveem. E só a muito custo é que as cousas tornaram ao seu estado normal de sossego e de bom humor.

Mas nada d'isto impellio que o *Grand Prix* d'este anno fosse muito concorrido e muito apressado. Ha muito tempo que se não via tanto gente em *Longchamps*, gente de todos os paizes e de todas as cores. E esta concurrencia foi tanto maior e tão extraordinaria se pensarmos um instante que o anno passado Paris estava deserto por causa do cholera que este anno anda viajando pela Hespanha.

A nossa grande gravura — *No recinto da pesagem* — é um quadro esplendido, d'um elevado merito artistico, representando o momento em que a corrida vai começar, em que os cavallos se preparam para partir. É uma pagina de brilhante observação d'este Paris alegre e ruído, d'este Paris dos sportmen que faz de *Longchamps* a sua esplendida festa, onde os *indios* rolam aos milhares, e onde se contam aos centos as notas de banco engajadas nas apostas sobre cavallos. Esta pagina foi desenhada por Marchetti.

Este anno os dois grandes campees eram *Paradox* e *Relaisant*. O primeiro inglez, o segundo francez. O que se apostou sobre a agiltidade d'estes quadrapedes é incalculavel, se passarmos no enthusiasmo monetario de ingleses, francezes e americanos que andavam engajado n'esta lucta da raça cavallar. Ganharam-se sommas importantes e perderam-se outras não menos importantes, como, por exemplo, uma celebre actriz de Paris que perdeu, só á sua parte, cerca de 18 contos de reis.

UM BRONZE ITALIANO

Nº 10 — 1.º anno da *Illustração* já tivemos occasião de offerecer aos nossos leitores um outro delicioso busto em bronze de *Lorenzetti*, um escultor italiano de grande talento. Intitulava-se *Na ausencia do mestre*. O que hoje publicamos é um delicioso estudo, uma esplendida cabeça de gniato que ri com um riso atrevido e endemoninhado, ironico e incoerregivel. É o typo do garoto de Napoles o que o artista reproduzio com tanta graça e tanta habilidade. É um typo curioso, cujo canalhismo fará rir ainda os mais sérios e os mais graves dos nossos leitores.

Este bronze esteve exposto na exposição de Milão onde obteve uma medalha de prata, pela sciencia e verve com que está executado, e porque é a obra d'um moço artista de grande futuro.

EM FRENTE DO MOINHO

DE LONGCHAMPS.

Esta gravura é por dois motivos extremamente curiosa.

É um pedaço exacto, photographico, da tarde do *Grand-Prix*, do lado dos pédes, dos lugares a um franco. A multidão cerra-se, comprime-se ao longo das divisões, para ver passar os cavallos. A direita do observador vê-se o lugar por onde correm os cavallos que vão passar diante d'esta multidão de gente do povo, postada em frente do pittoresco moinho de Longchamps, quasi proximo da Grande cascata do Bosque de Bolonha. E é ainda á direita, mas d'um lado que a nossa gravura já não pode alcançá-la que ficam as vastas tribunas. Esta gravura dá uma perfeita idéin da concorrência do *Grand-Prix*.

Mas é tambem curiosa, porque representa os enoemes progressos da photographia applicada aos trabalhos d'impressão. Trata-se d'uma photographia instantanea que foi transformada em chapa zincographica, que entra n'uma machina d'imprimir jornaes, que se tira com a nitidez que estão vendo, e que se tira a 30,000 exemplares, servindo sempre a mesma chapa.

Esta prodigiosa reprodução traz a assignatura *Sgap.* É a marca de todos os trabalhos da *Societate geral de applicações photographicas* que tem fornecido á nossa illustração uma curiosa serie de trabalhos da mais alta novidade, trabalhos totalmente ignorados em Portugal e Brazil, e que só a illustração tem divulgado entre o publico.



UM BRONZE ITALIANO

A PRIMEIRA ENTREVISTA

Em pleno campo, n'uma tarde do verão, quando o corpo fatigado pelo trabalho pede que se o deixem repousar. O assumpto é encantador, como todos os assumptos onde a natureza é bella, e que deixam evolir um vago perfume d'amor — e d'amor sentimental. E o publico — particularmente o publico feminino — olha sempre para estas paginas com verdadeiro interesse, com uma certa ternura, mesmo. São quadros que falam mais ou menos eloquentemente á alma sonhadora, á alma romantica.

Tem sido o artista sincero na disposição da sua tela? Devemos admitir que sim. Os typos e a paisagem estão estudados com bastante sinceridade e emoção, para julgarmos o contrario. Mas não é raro ver certos artistas aproveitarem-se da nota sentimental, para encontrar facilmente, não applausos, mas compradores. Os quadros, como este, lisonjeiam a vista, são amáveis, recatados, e ficam bem n'uma sala de familia n'uma sala onde as meninas recitam poesia que valiam a *India*!

Tratado por um artista mais amante da verdade e menos cuidadoso das cousas bonitas, o quadro teria outras belezas mais rudes e mais francas. Mas em todo o caso, apesar d'um tanto idyllico, não é menos gracioso nem menos bello o quadro que hoje publicamos, devido ao habil pincel do sr. Delolibe e primorosamente gravado, como tudo quanto sae do seu buril, pelo nosso estimado e assiduo collaborador Ch. Buele.



O « GRAND-PRIX » DE PARIS. — O tempo das corridas em frente do moinho de Longchamps



A PRIMEIRA ENTREVISTA. ... Quadro de Diabba.

A TRADUÇÃO DO « GERMINAL »

PUBLICAMOS, em seguida, a carta que o nosso director Mariano Pina dirigio, devidamente registada, ao sr. Abilio Lobo, director litterario da *Illustração Universal* de Lisboa, como resposta aos grosseiros insultos que aquella folha indisciplinada, quando o nosso director, relatando uma entrevista que teve com Zola, tentou explicar o negocio da tradução do *Germinal*, entre o auctor e o editor portuguez, sr. Souza Pinto. Nós lembramos a *Illustração Universal* a conveniencia de não continuar na sua campanha de difamação gratuita, porque nos veremos obrigados a fazer a curiosa historia d'este jornal que se diz essencialmente portuguez, que todos os dias illudo o publico e a imprensa com os seus arts de folha embaixo-namento nacional — quando não passa d'uma mediocre reprodução de todas as más gravuras do *Univers Illustré*, o jornal illustrado mais inferior e menos considerado que existe em Paris. — Querem um bom ridiculo exemplo? A *Illustração Universal* recebe de Paris o seu papel em branco, com as gravuras já impressas. O texto é que é impresso em Lisboa. Mas como as gravuras não são escolhidas por nenhum dos directores, e apenas por um caixeiro da casa Levy de Paris, e que succede é que chegam a Lisboa gravuras cuja origem a redacção totalmente desconhece, acompanhando-as de noticias sempre erradas e sempre falsas. Ainda ha tempo, a tal *Illustração Universal* publicava uma zincographia, reproducção d'um typo militar de *Détaille*, o illustre pintor do batinhás. Mas como a assignatura fosse illegivel, a *Illustração Universal* chamou a zincographia uma gravura do celebre artista *Bataille*! — Este exemplo basta, para provar que conhecemos melhor a cozinha d'aquelle jornal illustrado, que todos os seus directores.

Eis a carta do nosso director:

Ex.^{ma} sr.

Ha tempos, n'uma carta dirigida a Dumas filho — carta que eu vi citada em varios jornais de Lisboa — o jornalista Barros Lobo affirmava que tinha sido comprado por 1,500 francos o direito da traducção do *Germinal*, traducção que lhe fôra confiada pelo editor Souza Pinto. Havia na cifra um engano de 1,200 francos!... O sr. Emilio Zola authorizou-me portanto a declarar em publico, que apenas tinha cedido o direito de traducção d'aquelle romance ao editor lisboense, pela quantia de 300 francos. E o romancista francez ainda se me queixou de não ter ainda sido embolsado d'aquelle somma, apesar de cartas que tem escripto para Lisboa — cousa em que eu não ousei tocar, para não ferir as susceptibilidades do editor. Aqui está o que a gente ganha, quando poupa o seu inimigo! Tratei apenas de fazer uma errata á affirmacção do já citado jornalista. Ora isto valcu-me somente o seguinte: Barros Lobo, sob o pseudonimo de *Beldemonio*, declarou n'uma chronica da *Illustração Universal*, que não fazia chronicas a garotos. O insulto é tão grosseiro e tão baixo, esta sahida é tão pelintra e tão comica, que nem sequer pode dar lugar ao desfecho honroso que ha sempre em pendencias graves... Nem mesmo merece a correcção d'um tribunal.

Dias depois, com grande espanto meu, deparo na *Illustração Universal*, n.º 22 — 2.º anno, com uma local da redacção, tendo por titulo: MARIANO PINA MENTIROSO. E quatro linhas precedem uma carta do sr. Zola, onde o romancista APENAS PROPÕE ao sr. Souza Pinto a venda do *Germinal*. Mas nem sequer desmentida a historia dos 300 francos!

Ora tudo isto tem por fim, não só fazer accreditar ao publico que eu sou um oikoto quando pretendo destruir as mentiras do sr. Barros Lobo; mas ainda um MENTIROSO, por ter dito aos meus leitores que o *Germinal* foi comprado por 300 e não por 1,500 francos!...

Que o famoso chronista me chamasse *garoto*, não me surpreendeu, nem tão pouco me ferio. Mas ser tratado de mentiroso pela redacção litteraria d'um jornal que tem por director litterario um jornalista — alludo a V. Ex.^a — com quem tive sempre as melhores relações d'estima e de cortezia; ser tratado de mentiroso pela redacção d'um jornal que tem como responsavel um jornalista que é ao mesmo tempo deputado da nação e alto funcionario publico — era cousa mais seria e mais grave. E escrevi immediatamente ao sr. Emilio Zola, pedindo-lhe que me confirmasse por escripto a conversa que em tempo tiveramos.

Forçado a partir para a Belgica, só hontem tive conhecimento da seguinte carta que o illustre romancista me dirigio:

Monsieur,

Paris, 15 juin 85.

Je vous confirme par écrit ce que je vous ai dit de vive voix. La traduction portugaise de *Germinal* m'a été achetée trois cents francs par M. Souza Pinto, éditeur à Lisbonne; et cette somme de trois cents francs ne m'a pas encore été payée.

Agreez, monsieur, l'assurance de mes sentiments distingués.

EMILE ZOLA.

Ora isto traduzido litteralmente, quer dizer apenas o seguinte: « A traducção portugueza do *Germinal* foi-me « comprada por « TREZENTOS FRANCOS pelo sr. Souza Pinto, editor de Lisboa; e esta « somma de trezentos francos ainda me não foi paga. »

E isto traduzido livremente, quer dizer apenas o seguinte:

— Que o sr. Barros Lobo é o jornalista mais insolente e mais mentiroso que Lisboa possui.

— Que é uma asneira ter contemplações com quem só pensa em nos crucificar. No começo do meu jornal, não houve insultos que o sr. Souza Pinto não atirasse á minha *Illustração*. E eu fui tão tolo que lhe poupei o desgosto d'uma revelação desagradavel, quando o sr. Zola me fallou logo de começo das difficuldades que elle tem para haver os 300 francos.

— Que a *Illustração Universal* não passa d'um buraco, donde é insultado gratuitamente o jornalista que, como eu, nunca ousou affirmar uma cousa, que a não possa provar cabalmente.

Creia V. Ex.^a que é com infinito desgosto que o vejo director litterario de semelhante jornal. Faço-lhe, porém, a justiça de

que o insulto não partio da sua penna. Mas o que lhe peço, porque sei que V. Ex.^a é um jornalista digno, e em nome de todas as boas e honestas tradições da imprensa portugueza, é que dê publicidade na *Illustração Universal* á carta que me foi dirigida pelo sr. Emilio Zola, que acima transcrevi, e cujo fac-simile eu vou imprimir na minha *Illustração*, para que não haja duvidas acerca da sua authenticidade. Barros Lobo seria ainda capaz de a desmentir, se é que elle não pensa desmentir o proprio auctor. É capaz de tudo, em litteratura, o maldicto!...

Estou certo de que V. Ex.^a, como todos quantos se prezam de honrar e fazer respeitar uma penna, se não esquivará a semelhante publicação — que, aliás, é de direito devida a quem foi atacado d'aquelle modo.

Quanto ao sr. Barros Lobo, sinto-me realmente feliz por ter tido occasião de mostrar *gratis* a « adultos, militares e creanças, » um exemplar de verdadeiro pedante e um insolente sem confeição — que a policia deveria desterrar de Lisboa, para acio da cidade. Para desenvolver epidemias — já basta o Aterro. Ora Aterro e Lobo é demais, n'estes tempos de cholera que vão correndo!...

De V. Ex.^a

com toda a consideração,

MARIANO PINA.

A TRADUÇÃO DO « GERMINAL »

Eis a carta que o illustre romancista dirigio ao nosso director Mariano Pina. Como podem ver os nossos leitores, d'esta questão sahio perfeitamente illusa a dignidade do nosso director. Também a questão era da maior simplicidade. O sr. Barros Lobo affirmou que o direito da traducção que elle está fazendo do *Germinal* fôra comprado por 1,500 francos. O sr. Zola authorizou o sr. Mariano Pina a declarar que apenas se tratava d'uma somma de 300 francos. Que necessidade tinham, traductor e editor, de insultar grosseiramente quem apenas tinha sido authorizado a dizer verdade? Não lhes invejamos o fructo de semelhante campanha de difamação. A carta do sr. Zola não pode ser mais esmagadora... Só se trata de 300 francos, e 300 francos que não foram pagos, não obstante a *Illustração Universal* já andar a fazer diuheiro com o *Germinal*, impresso nas suas columnas!...

Paris, 15 juin 85

Monsieur,

Je vous confirme par écrit ce que je vous ai dit de vive voix.

La traduction portugaise de « *Germinal* » m'a été achetée trois cents francs par M. Souza Pinto éditeur à Lisbonne; et cette somme de trois cents francs ne m'a pas encore été payée.

Agreez, monsieur, l'assurance de mes sentiments distingués

Emile Zola

AS MUSICAS DA «ILLUSTRAÇÃO»

CHANSON HONGROISE

RECOMENDADA E PUBLICADA POR ETIENNE BARTALUS

PIANO.

Lento.

p

ten.

f

rinf.

p

pp